

---

## ESCREVIVÊNCIAS LIVRES DE MULHERES AMAZÔNIDAS GERADORAS

---

‘ESCREVIVÊNCIAS’ DE MUJERES AMAZÓNICAS QUE GENERAN  
‘ESCREVIVÊNCIAS’ OF AMAZONIAN CREATING WOMEN

**Lucélia Gonçalves Moraes<sup>1</sup>**

<https://orcid.org/0009-0004-3435-0604>  
<http://lattes.cnpq.br/5655171791337886>

**Miclele do Espírito Santo da Silva<sup>2</sup>**

<https://orcid.org/0009-0005-0609-935X>  
<http://lattes.cnpq.br/0340420116071148>

**RESUMO:** O objetivo do artigo é compartilhar escrituras sobre os nossos desafios para conciliar maternidade e pós-graduação, em contextos marcados por vulnerabilidades sociais e redes de apoio limitadas. Apresentamos relatos de cinco mulheres da Amazônia Legal, nascidas entre as décadas de 1980 e 1990 nas regiões norte e nordeste do Brasil. Nossas vivências estão contextualizadas em uma sociedade capitalista e produtivista, onde o corpo feminino é objetificado e a maternidade é idealizada e/ou reduzida a uma função reprodutiva, desconsiderando dores e angústias reais. Sendo mães na pós-graduação, enfrentamos julgamentos constantes e desafios atravessados por interseccionalidades de gênero, classe e raça. A metodologia incluiu revisão bibliográfica, encontros e diálogos entre as autoras e outras três mães na pós-graduação, e a narrativa de suas histórias seguindo a metodologia da escritura. A escrita, aqui, representa um ato político, um modo de resistir, de “sangrar” e gerar ideias e vida, apesar dos obstáculos acadêmicos. As narrativas revelam temas como privações, discriminação, violência doméstica, resistência e luta por educação. Os resultados deste artigo reforçam dados de pesquisas anteriores que apontam a hostilidade do ambiente acadêmico às alunas que são mães, causando solidão, incompreensão e danos à saúde mental. Concluímos defendendo a urgência de políticas públicas e mudanças institucionais, como a instalação de creches e brinquedotecas nas universidades, e auxílios financeiros, para permitir que mães estudem sem comprometer sua saúde ou os cuidados com seus filhos. Ao compartilharmos nossas experiências, buscamos inspirar outras mulheres e fortalecer a luta por uma universidade mais inclusiva e acolhedora às mães.

**Palavras-chave:** questões de gênero; maternidade na pós-graduação; enfrentamento; saúde mental.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Engenharia Química (UFPA), Mestra em Tecnologias e Inovações Ambientais (UFLA), Analista Ambiental do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, na Universidade Federal de Pernambuco (PRODEMA/UFPE). Contato: [lucelia.moraes@ufpe.br](mailto:lucelia.moraes@ufpe.br).

<sup>2</sup> Graduada em História (UFPA), Especialista em Estudos Afro-latino-americanos (Harvard Medical School). Mestranda no Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, na Universidade Federal do Pará (PPGSA/UFPA). Contato: [miclelesilva546@gmail.com](mailto:miclelesilva546@gmail.com).

**RESUMEN:** El objetivo del artículo es compartir *escrevivências* sobre nuestros desafíos para conciliar la maternidad y los estudios de posgrado, en contextos marcados por vulnerabilidades sociales y redes de apoyo limitadas. Presentamos relatos de cinco mujeres de la Amazonía Legal, nacidas entre las décadas de 1980 y 1990 en las regiones norte y nordeste de Brasil. Nuestras vivencias están contextualizadas en una sociedad capitalista y productivista, donde el cuerpo femenino es objetificado y la maternidad es idealizada y/o reducida a una función reproductiva, desconsiderando dolores y angustias reales. Siendo madres en el posgrado, enfrentamos juicios constantes y desafíos atravesados por interseccionalidades de género, clase y raza. La metodología incluyó revisión bibliográfica, encuentros y diálogos entre las autoras y otras tres madres en el posgrado, y la narrativa de sus historias siguiendo la metodología de la *escrevivência*. La escritura, aquí, representa un acto político, una forma de resistir, de “sangrar” y generar ideas y vida, a pesar de los obstáculos académicos. Las narrativas revelan temas como privaciones, discriminación, violencia doméstica, resistencia y lucha por la educación. Los resultados de este artículo refuerzan datos de investigaciones anteriores que señalan la hostilidad del ambiente académico hacia las estudiantes que son madres, lo que causa soledad, incompreensión y daños a la salud mental. Concluimos defendiendo la urgencia de políticas públicas y cambios institucionales, como la instalación de guarderías y ludotecas en las universidades, además de ayudas financieras, para permitir que las madres estudien sin comprometer su salud o los cuidados con sus hijos. Al compartir nuestras experiencias, buscamos inspirar a otras mujeres y fortalecer la lucha por una universidad más inclusiva y acogedora para las madres.

**Palabras clave:** maternidad en estudios de posgrado; afrontamiento; cuestiones de género; salud mental.

**ABSTRACT:** The objective of this article is to share *escrevivências*—lived experiences expressed through writing—regarding our challenges in reconciling motherhood and graduate studies in contexts marked by social vulnerabilities and limited support networks. We present accounts from five women from the Legal Amazon region, born between the 1980s and 1990s in the North and Northeast of Brazil. Our experiences are situated within a capitalist and productivist society in which the female body is objectified and motherhood is idealized and/or reduced to a reproductive function, disregarding real pain and anguish. As mothers in graduate school, we face constant judgments and challenges shaped by the intersectionalities of gender, class, and race. The methodology included a literature review, meetings and dialogues among the authors and three other mothers in graduate programs, and the narrative construction of their stories following the methodology of *escrevivência*. Writing, in this context, represents a political act—a way of resisting, of “bleeding,” and of generating ideas and life despite academic obstacles. The narratives reveal themes such as deprivation, discrimination, domestic violence, resistance, and the struggle for education. The findings of this article reinforce data from previous research that highlight the hostility of academic environments toward students who are mothers, resulting in loneliness, misunderstanding, and harm to mental health. We conclude by

underscoring the urgency of public policies and institutional changes, such as the establishment of daycare centers and playrooms within universities, as well as financial support, to enable mothers to pursue their studies without compromising their health or their children's care. By sharing our experiences, we aim to inspire other women and strengthen the movement for a more inclusive and welcoming university environment for mothers.

**Keywords:** motherhood in graduate school; confrontation; gender issues; mental health.

## 1. INTRODUÇÃO: provocações iniciais

Queremos aqui falar sobre a maternidade vivenciada no ambiente acadêmico, durante a realização de uma pós-graduação, a partir das nossas experiências como mulheres da Amazônia Legal, nascidas nas regiões norte e nordeste do Brasil, nas décadas de 1980 e 1990. O contexto específico e a realidade de cada mãe são descritos mais adiante.

Para nós, pensar a maternidade é um desafio. Viver a maternidade é um desafio ainda maior. Falar em maternidade pode trazer diferentes emoções, pois o ser “mãe” traz consigo muita simbologia, de forma direta ou subjetiva. Juntar maternidade e compromissos e prazos de pós-graduação, quando enfrentamos apertados sociais e pouca rede de apoio... Minha nossa! É fácil sentirmos inibição de ideias diante de tantas imposições. Para a escrita acadêmica, se você não segue um padrão, seu texto é rejeitado, suas ideias não são lidas ou publicadas. Se houvesse mais liberdade de pensamento e de escrita, este texto, por exemplo, talvez já tivesse ganhado forma há bem mais tempo.

Ser mulher e ser mãe, são dois papéis sociais bem complexos, sobre os quais muita reflexão pode ser feita. Estamos falando a partir de uma sociedade capitalista, materialista, individualista, produtivista. É nesse meio caótico em que vivemos, no qual nosso corpo enquanto mulher é constantemente objetificado, medido, avaliado, oprimido, rejeitado, desejado, contestado, conduzido.

A maternidade já foi muitas vezes comparada ao resultado da produtividade do corpo feminino, enquanto máquina geradora de novos corpos que pudessem ser utilizados como mão-de-obra para um ávido sistema de produção. Mas que triste, que deprimente, que insignificante seria reduzir a experiência materna a um simples ato de geração de novos servos. A utilidade da mulher para a sociedade, nessa perspectiva, seria essa: a de reprodução.

Chegar ao final da vida e não ter reproduzido, representaria falhar enquanto um corpo feminino.

Sob outra perspectiva, também já desenharam a maternidade como um paraíso no qual sentimentos lindos e bondosos de esperança preenchem todos os espaços possíveis da existência feminina. Estaria a vida da mulher completa, a partir do momento em que ela tivesse dado luz a um filho, a uma nova vida, aí sim sua vida teria feito sentido, pois a partir desse momento a mulher jamais iria experienciar a solidão, a ausência de propósito, sua motivação de viver ganharia forma a partir da concepção de um novo ser humano. As dores e angústias da maternidade parecem inexistir nessa forma de olhar, e qualquer mãe que ousasse denunciar os medos e os receios que sente, estaria novamente condenada a um sistemático julgamento social.

Ora, observe. Sendo mulheres, estamos constantemente sendo julgadas, pela idade, pelo peso, pelas escolhas que fazemos, pela forma como nos apresentamos, pelo modo como nos posicionamos, e até pela ausência de posicionamentos. E se optarmos por não nos posicionar, também seremos julgadas como omissas. Nem mesmo o cansaço, a exaustão, é motivo que justifique a apatia. Não temos opção segura para o simples descanso.

Sendo mães, toda a situação descrita enquanto mulher permanece, e são acrescentadas outras lanças, outras barreiras das quais precisamos desviar. “Você superprotege seus filhos” porque tenta levá-los consigo a todos os lugares, tenta evitar os perigos que possam ameaçá-los. “Você abandona seus filhos” porque tenta estudar e trabalhar para dar a seus filhos uma melhor condição de vida, mas para isso precisa se mudar de cidade, e ficar temporariamente longe deles. Independentemente de sua conduta, você será julgada e criticada, não espere algo diferente, mãe.

Aqui, precisamos ampliar a descrição, e informar que falamos a partir de estratos sociais menos favorecidos, nos quais vivenciamos, para além das questões de gênero, também as questões classistas da sociedade. Enfrentamos ainda questões étnico-raciais. Está posta aí a interseccionalidade abordada e descrita pela autora Ângela Davis (2016).

O artigo escrito por Eloá Martins e Juliana Santana (2023), em que contam suas experiências como mães durante a graduação em Ciências Biológicas na Universidade Estadual do Ceará (UECE), traz a exata descrição do que sentimos: “mesmo a universidade não sendo um espaço acolhedor para esse grupo [o das mães universitárias], a determinação e

o enfrentamento contra um sistema que as oprime e invisibiliza, as faz continuar, muitas vezes, às custas de sua saúde mental, prejudicada diante das tentativas de equilibrar estudo, trabalho, cuidado parental e tarefas domésticas”. E seguem relatando que as mães universitárias, no contexto acadêmico, experienciam “sentimentos de solidão e incompreensão, duvidando constantemente da possibilidade de conseguir ser mãe e universitária, concomitantemente” (Martins; Santana, 2023). Os impactos negativos na saúde mental de mães dentro da universidade também são relatados por Pontes et al (2022).

Segundo uma pesquisa realizada pelo Ministério da Educação, em parceria com a Organização dos Estados Ibero americanos (OEI) e a Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (FLACSO), a gravidez aparece entre os três principais motivos para que estudantes universitárias se afastem de seus estudos, principalmente por não contarem com uma rede de apoio, ou por serem desencorajadas por seus companheiros a continuarem estudando (Zinet, 2016 *apud* Martins; Santana, 2023)

O equilíbrio entre trabalho, estudo e família parece mesmo mais difícil para nós, mulheres. Não é somente uma sensação. Ainda é muito comum que as tarefas domésticas recaiam de forma mais acentuada sobre as mulheres, que precisam desenvolver jornadas duplas e triplas, para dar conta de todos os afazeres. Na realização da pós-graduação, um dos grandes desafios é o grande volume de leituras que precisamos fazer, e a elevada demanda de produção acadêmica como exigência para cumprimento de créditos e disciplinas. Conforme Silva e Silva (2023), nós mulheres mães na pós-graduação entramos constantemente em um conflito entre “se dedicar na carreira profissional ou nos cuidados dos filhos”.

Cabe ressaltar que também as professoras universitárias vivenciam dilemas relacionados à maternidade em sua carreira acadêmica: jornadas de trabalho extenuantes, necessidade de delegar os cuidados de seus filhos a outrem, maior tempo para a construção da carreira se comparadas a homens, e sentimento de culpa frente à dificuldade de conciliação da maternidade com a carreira (Protetti; Souza, 2023). Para as professoras sem filhos, a escolha pela não maternidade em defesa da carreira, fundamentada na produtividade científica, constitui-se na principal tensão experienciada (Protetti; Souza, 2023). Entrevistas com mulheres docentes da pós-graduação evidenciam a maternidade como um planejamento concomitante ao desenvolvimento profissional; a importância da licença-maternidade e do apoio do cônjuge; e as dificuldades e estratégias de conciliação família-trabalho (Rodrigues;

Morais, 2021). Se a produtividade científica é o motor da carreira acadêmica atual, a maternidade muitas vezes figura como um grande obstáculo para a construção da carreira acadêmica.

Dados da Plataforma Sucupira, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes, mostram que a maioria dos estudantes de pós-graduação são mulheres, representando 55% dos matriculados em cursos de pós-graduação stricto sensu (Ministério da Educação, 2024). As dificuldades enfrentadas pelas mães e pais na pós-graduação levou o Estado brasileiro a promulgar a Lei 14.925, de 17 de julho de 2024, ampliou o período de licença parental para estudantes de graduação e pós-graduação, aumentando o afastamento para 180 dias em casos de nascimento ou adoção de filhos (UFJF Notícias, 2024). Essa mudança visou oferecer suporte mais abrangente durante o início da vida do bebê ou do filho recentemente adotado, substituindo a antiga legislação de 2017, que previa apenas 120 dias. Embora a mencionada lei beneficie tanto mães quanto pais estudantes, seu impacto é muito maior sobre as mulheres, que enfrentam barreiras historicamente invisibilizadas, e a maternidade ainda impacta significativamente suas carreiras (Rocha; Cruz, 2021).

O que fazer diante de tantos perrengues, sendo mãe, estudante, com pouco dinheiro e pouca ou nenhuma rede de apoio? Imagine o desespero que bate! Trata-se de uma urgência social e política mudar esse cenário. Decidimos, então, escrever. Para a autora Conceição Evaristo (2008), escrever é um ato político, pois a literatura pode ser uma ferramenta de luta e transformação social. Através da escrita, podem ter voz aqueles que foram historicamente silenciados, especialmente as mulheres negras, e podem ser questionadas as estruturas de poder. Segundo Evaristo: “Deve haver uma maneira de não morrer tão cedo e de viver uma vida menos cruel. Escrever é uma maneira de sangrar” (Pinheiro, 2022).

Partindo do que ficou em nós dos escritos de autoras como Ângela Davis (2016), bell hooks (2021), Carolina Maria de Jesus (1960), Zélia Amador de Deus (2020), Lélia Gonzalez (2020), Conceição Evaristo (2003), e tantas outras... este texto é resultado do encontro de cinco mulheres geradoras, que se propõem a compartilhar inquietações e provocações sobre a maternidade no âmbito da universidade, ao viverem o contexto da pós-graduação em Belém, uma cidade da Amazônia brasileira. Utilizamos a escrevivência para trazer para dentro da

universidade perspectivas metodológicas mais próximas do nosso universo de populações historicamente marginalizadas e silenciadas.

### **1.1 Metodologia: como a ideia surgiu e ganhou forma**

Antes do texto escrito, veio a oralidade.

O que significa dizer que este capítulo, embora não seja o primeiro, foi o que veio antes. Partimos primeiro do encontro, das conversas, do diálogo, do dito e do não dito, para só depois transcrever e buscar outras referências bibliográficas que também dialogassem com o que estávamos produzindo. Com o intuito de proteção e cuidado, inclusive autocuidado, com as mulheres que gentilmente compartilham aqui suas vivências, escolhemos apresentar nossas vivências utilizando os seguintes nomes fictícios: Rouxinol, Onça Pintada, Garça, Andorinha e Serpente. As alcunhas têm relação com nossas personalidades.

Durante o primeiro semestre de 2025, em Belém do Pará, ao cursarem a disciplina de “Escrevivências e letramento acadêmico contra colonial”, no Programa de pós-graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará, cinco mulheres se encontraram e se reconheceram, diante da proposta de produzir, em dupla ou trio, um artigo que relacionasse o tema “escrevivência”, criado pela autora Conceição Evaristo, a algum ponto de interesse em comum entre elas.

A ideia de falar sobre a maternidade no ambiente acadêmico, refletir e escrever sobre como lidavam com os desafios, as dores e os sabores de serem mães em meio a tantas pressões da pós-graduação, surgiu de uma conversa entre a Onça Pintada e a Rouxinol, ambas mães que estavam estudando em uma cidade que não era a sua, longe de seus filhos. Elas então convidaram a Garça, que também é mãe e estava morando longe de sua cidade, mas com seu filho recém-nascido, para se juntar ao grupo.

Durante o percurso, outros temas foram cogitados. A Andorinha convidou a Garça para escrever sobre suas experiências com o garimpo, por exemplo. A Serpente queria escrever sobre o entendimento das quilombolas quanto ao movimento feminista, que muitas vezes não lhes compreendia e não as representava. A Serpente também é mãe. E por ser mãe, ficou um tempo afastada das aulas, cuidando de uma questão de saúde de seu filho. Isso tinha tudo a ver com a ideia de escrever sobre os desafios de ser mãe na universidade.

Nesse período em que Serpente esteve afastada das aulas, Andorinha e Garça iniciaram um diálogo sobre como escrever sobre suas mães, e como as suas relações com suas mães tinham influenciado suas posturas e suas decisões sobre entrar e permanecer na universidade. O tempo foi passando, muita coisa foi acontecendo, muito cafezinho foi sendo tomado ao final das aulas de escrevivências, e ambas acabaram decidindo retomar a ideia de escrever junto com Onça Pintada e Rouxinol, sobre maternidade. E então, quando Serpente retornou, formou-se esse grupo de cinco mulheres geradoras, que agora compartilham suas histórias neste artigo.

Nos reunimos para diálogo e construção deste material em diferentes momentos. Teve um dia, ao sairmos da aula de escrevivência, em que a Garça precisou coletar leite (ela estava em período de amamentação do seu filho), e fomos todas ao banheiro ajudá-la, rir e conversar sobre aquela situação. Teve momentos em que fomos à lanchonete, pensar sobre a vida, pensar que nada parecia fazer muito sentido, nem mesmo a forma como as aulas estavam sendo conduzidas, e que estávamos tão cansadas, esgotadas, cheias de demandas, com pouca energia para continuar, não sabíamos por onde e nem como conduzir todas as tarefas que estavam e ainda estão (sempre estão) na lista, aguardando para serem feitas.

Nos emocionamos diversas vezes. Nos desencontramos algumas vezes. Houve desentendimentos. Houve reencontros, houve partidas.

Chegamos a comentar que escrever às vezes era muito difícil, porque tinha o peso da “academia” nos moldando, nos cobrando, nos tolhendo. Falar era bem mais fácil, mais natural, mais orgânico. Para a Onça Pintada e para a Garça, desenhar também era uma forma natural de expressão. Para a Rouxinol, cantar era uma linda forma de partilhar sentimentos. A Serpente dizia que um vinho era sempre um bom amigo para libertar as ideias. E a Andorinha marcava um monte de atividade ao mesmo tempo, viajava muito, nunca se sabia exatamente onde ela estava e nem o que ela estava querendo fazer ao certo, provavelmente nem ela.

Digamos que em meio a essa nuvem de informações embaralhadas, algumas palavras foram sendo vistas em comum nas histórias das autoras: maternidade, educação, enfrentamento, autodescoberta, auto aceitação, resistência, liberdade, sonhos.

Nos tópicos seguintes deste artigo, as personagens exercitam suas escrevivências, parte de suas histórias são contadas, para se juntarem ao final, refletindo sobre o que esperam daqui pra frente.



A seguir, um mapa de localização, mostrando os lugares de onde vêm as autoras, suas cidades de nascimento.

**Figura 1** - Localização das cidades onde nasceram as personagens deste artigo.



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2025.

## 2. Nossas escritórias sobre ser mãe e estudantes de Pós-graduação

### 2.1 Rouxinol

Tenho 38 anos, sou mãe do J.B. (de 10 anos) e do L.M. (6 anos), natural de Imperatriz, no Maranhão. Estudei ensino fundamental na roça, andando muitos quilômetros dentro do mato, atravessando rios e cercas, só ia para a escola após cumprir as obrigações domésticas. A escola tinha condições precárias, era ensino multisseriado. A volta para casa era às pressas, para que eu pudesse atravessar a mata ainda durante o dia. Depois, fui morar em Montes Altos, ainda no Maranhão. Trabalhei como empregada doméstica, passei por privações para poder estudar. Parece uma loucura, eu precisava ter uma roupa para estudar, e não tinha.

Às vezes, ao chegar em casa, eu não tinha tempo para fazer as coisas, para cuidar da casa e dos meus irmãos. Faltavam muitas coisas, às vezes faltavam itens de comida, como óleo, por exemplo. Morei também em Bananal, mais próximo de Imperatriz. Casei e voltei para Imperatriz. Cursei Teologia, foi minha primeira graduação. Durante o curso, comecei a pesquisar Mariologia, conjunto de estudos acerca da Virgem Maria, mãe de Jesus Cristo.

Entrei na segunda graduação, na Universidade Federal do Maranhão - UFMA, licenciatura em Ciências Humanas, com ênfase em Filosofia. Durante o curso, engravidei duas vezes, o que prolongou os anos de graduação. Havia um constante embate com o meu companheiro, que não queria que eu continuasse estudando.

Fiz o processo seletivo do mestrado em Sociologia, e quando terminei de defender a dissertação, já estava inscrita no doutorado, em outro estado (Pará), por isso, tive que, temporariamente, me afastar da família, para conseguir estudar.

Sinto que vou sempre me acusando em minha trajetória, quanto aos ajustes que preciso fazer em minha vida para conseguir “alcançar” os títulos da pós-graduação. Às vezes, negocio o meu tempo de leitura, por exemplo. Para conseguir viver meu sonho de estudar, emendei uma coisa na outra, lutando sempre para conciliar a vida acadêmica com as demandas pessoais, o cuidado com meus filhos, com meus pais, sendo que ambos adoeceram em meu percurso acadêmico.

Sobre a relação com meu marido, precisei me impor para me manter na vida acadêmica. Sempre senti necessidade de estudar, embora não soubesse explicar o porquê. Mas sempre senti dentro de mim a vontade de estudar, independente de interesses financeiros. Há algo que sinto profundamente a esse respeito, e que pode ser descrito como: “Caminha, caminha e caminha!”. Minha mãe era nômade, mudava muito de cidade, e também mudou algumas vezes de companheiros, e todas essas mudanças dificultaram minha trajetória acadêmica. Uma vez, discutindo com meu marido sobre as dificuldades que estávamos enfrentando, eu disse a ele: “eu nunca consegui seguir nem a minha própria mãe”.

Acho covardia do meu marido pedir que eu pare, depois de saber de onde eu vim, de todas as restrições pelas quais eu passei, às vezes de não ter o que comer, e de não ter um sapato para calçar, e ainda assim ele não querer me ajudar a continuar estudando, para melhorar nossa condição de vida e dar melhores oportunidades aos nossos filhos. Ser mãe, ser esposa, é muito difícil. As pessoas costumam super valorizar meu marido, como se ele fosse um homem super compreensivo, mas na verdade, elas não enxergam todo o esforço que eu também fui obrigada a fazer para estudar.

Quando eu viajo, escuto as pessoas com as quais convivo falarem o quanto o meu marido é bom, por “permitir” que eu estude. É ele quem deve permitir? Ao mesmo tempo em que as pessoas elogiam meu companheiro (“porque ele deixa, ele quer”), ninguém vê a minha

luta, minhas madrugadas de sono, em claro, estudando, chorando, tentando alcançar melhores condições para mim, minha família e meus filhos.

No momento desta escrita, estou tentando trazer meus filhos do Maranhão para o Pará, mas os valores de aluguel em Belém estão caros, e com o valor da bolsa de doutorado é difícil conseguir achar um lugar próximo da UFPA, com condições de receber as crianças. Não há casas de estudantes onde eu possa morar com meus filhos, e eu não recebo nenhum valor de subsídio para conseguir mantê-los.

## 2.2 Serpente

Tenho 27 anos, sou professora de História, tenho um filho de 2 anos, sou iniciada no candomblé de Angola há 5 anos, e ativista desde a minha adolescência, essa foi a herança que herdei de minha família.

Na luta da minha comunidade, eu senti a necessidade de estudar, e também fui orientada por minha mãe, que me ensinou a ler, sempre me incentivou a estudar. Nós passamos por momentos difíceis, eu cresci em um contexto de violência.

Eu cursei o ensino fundamental no território quilombola, e depois fui para a cidade cursar o ensino médio. Fiz o curso de História em Belém, e o finalizei durante a pandemia. Tenho dois irmãos, e durante o tempo em que eu e meus irmãos estávamos na universidade, nossa mãe nos manteve financeiramente. Depois que concluí a graduação, fui morar em Baião [cidade no interior do Pará].

Voltei para Belém quando engravidei, para ganhar meu bebê. Após a gestação, meu relacionamento com o pai do meu filho não estava indo muito bem. A partir da minha atuação política com a CONAQ [Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas], consegui fazer uma especialização online promovida pela Universidade de Harvard. Apesar da falta de dinheiro, consegui terminar o curso.

Embora eu sempre tenha sentido vontade de seguir nos meus estudos, quando pensei em fazer o mestrado, fui desmotivada por pessoas próximas, especialmente os familiares do pai do meu filho. Fui colocada no papel estrito da “mãe do filho”, que não poderia realizar outros feitos além de ser mãe. Só que aí comecei a me rebelar, e pensava comigo: “caramba, essas pessoas acham que não vou conseguir”.

A única pessoa que sempre me incentivou a seguir nos estudos foi minha mãe, que sempre me apoiou, inclusive porque ela também nutria o sonho de estudar, e estava à época em Belém, fazendo curso no SENAC [Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial].

Hoje em dia eu integro o grupo de mulheres da CONAQ, mulheres fortes, muito fortes, que me acolheram e me incentivam muito, inclusive de uma forma maternal. Em meio a essas mulheres inspiradoras, eu me sinto muito acolhida e protegida. Meu filho está morando com o pai, mas eventualmente vem a Belém para que possamos estar juntos. Não tenho uma relação simples com as pessoas da família paterna do meu filho, que seguem me criticando por minha decisão de estudar, ao mesmo tempo em que apóiam o pai do menino a fazer mestrado, olha só que contradição. O tratamento entre os gêneros é desigual, ele conta com mais apoio e incentivo para seguir nos estudos, e eu não, por ser mulher.

### **2.3 Onça Pintada**

Tenho 34 anos, sou natural de Clevelândia do Norte, distrito militar da cidade de Oiapoque, Estado do Amapá. Sou mãe de um menino de 11 anos. Sou filha de família ribeirinha e extrativista. Fui evangélica dos 8 aos 25 anos, e nesse período tudo o que tive de referência de vida, fora do ambiente familiar, era relacionado à vida religiosa da igreja que eu frequentava.

Cresci na roça com a família, minha avó teve 13 filhos, minha mãe teve 6 filhos. Tanto minha avó como minha mãe foram alfabetizadas tardiamente. Até meus 10 anos, morei com minha avó, enquanto minha mãe trabalhava no garimpo. Minha avó era lavadeira de roupa. Tenho lembranças dela fazendo farinha, na roça. Era uma família extrativista tradicional do Oiapoque, onde quase ninguém conseguia terminar o ensino médio. Trabalhei muito, desde criança. Estudei o ensino fundamental modular no Oiapoque. Os professores vinham da capital, e traziam uma perspectiva diferente. Quando descobri que existia o ensino superior, universitário, passei a sonhar em cursar a universidade e ser professora. A partir deste contato, alimentei o sonho de estudar na capital para ser professora.

Mudei de Oiapoque com 16 anos, e com 20 anos fui morar em Macapá. Primeiro estudei Pedagogia, depois passei no Prouni e passei a estudar Psicologia, fui até o sexto

semestre. Fiz o processo seletivo do SESC [Serviço Social do Comércio] e passei. Engravidei e acabei sendo demitida durante minha gravidez.

Alisei meus cabelos até os 25 anos. Em 2015, quando conheci canais no YouTube em que mulheres falavam sobre transição capilar, decidi parar de alisar o cabelo. Esse era um momento de muitas descobertas, inclusive de uma auto descoberta enquanto mulher negra.

Quando fui aprovada na Universidade, estava casada, e meu marido praticamente me obrigou a escolher entre ele ou a universidade. Casar era uma das poucas opções de futuro para as mulheres da minha família. Meu marido, tentando me convencer a largar a universidade, chegou a me manter em cárcere privado.

Quando entrei na universidade, tive a certeza de me identificar como uma mulher negra, isso [a identidade étnica] antes era algo que me trazia dúvidas. Ser mãe, entrar na universidade, não ter apoio do meu marido, me descobrir como negra, foram muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo, e que me causaram muita angústia, medos, e sensação de estar isolada, desamparada, desprotegida e sem amigos.

Hoje eu luto pela guarda do meu filho, que precisou ficar no Amapá, sob os cuidados do meu [agora] ex-marido, que muitas vezes dificulta ou até mesmo impede a minha comunicação com meu filho. Meu ex-marido afasta meu filho de mim, introduzindo na criança ideias negativas, retratando minha integração na universidade como algo concorrente ao amor que tenho pelo meu filho. É muito doloroso viver isso.

Mas sigo vivendo. Eu gosto de pedalar, descobrir as cidades sentindo o vento na cara, e uma vez, suando, levando meu filho na garupa, ele virou pra mim e disse, rindo: “Pedala, mana!”. Meu filho é lindo, esperto e encantador. Porém, a casa de estudante onde eu moro em Belém não aceita a presença de crianças, e isso é um sério entrave para que eu possa morar com meu filho, e até mesmo para conseguir a guarda dele.

## 2.4 Garça

Tenho 32 anos, sou natural de Serra Pelada, região de garimpo localizada no interior do Pará. Vivi lá até os 15 anos. Da Serra fui para Marabá, para estudar o ensino médio. Tive o privilégio de ter uma família que incentivava o estudo, ao mesmo tempo em que vivia uma

realidade de ameaças ao meu pai, que era sindicalista e militava por melhores condições de vida para os garimpeiros. Em Marabá, passei na UNIFESSPA [Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará], onde cursei licenciatura em Sociologia, de 2011 a 2016.

Sou a caçula de três irmãos, e fui a única a cursar uma universidade pública. Entre 2014 e 2015, tive uma namorada, mas minha família, sendo muito tradicional, não aceitou com tranquilidade a relação. Minha família me admirava por eu ser dedicada aos estudos, mas com a descoberta de minha homossexualidade, a imagem de admiração foi desestabilizada. Quando minha mãe descobriu que eu era homossexual, a imagem de filha perfeita que ela costumava ter, foi quebrada, e substituída por uma imagem que se reduzia somente à minha sexualidade. Minha mãe me manteve em cárcere privado, me proibiu de sair de casa por aproximadamente seis meses. Foi um período que me gerou muitos traumas, e causou muitos danos à minha relação com minha mãe.

Nesse período, havia aberto o concurso para professor da educação básica do Maranhão. Como eu não podia sair de casa, estudei desesperadamente, e consegui ser aprovada no concurso em Imperatriz, no Maranhão. Eu queria me afastar de minha cidade, pois acreditava que continuar lá mancharia a imagem da minha família [devido aos entendimentos de uma sociedade conservadora] e ameaçaria a tranquilidade dos meus pais.

No Maranhão, fiquei ainda boa parte do tempo sem sair de casa, pois tinha e ainda tenho dificuldade de fazer amizades. Entre 2019 e 2021, realizei mestrado no Maranhão, período em que conheci o meu atual companheiro. Nos conhecemos em 2020, em Imperatriz, e ele não era um homem como os héteros normativos, por isso ele chamou minha atenção, e passamos a nos relacionar.

Terminado o mestrado, duas semanas antes de eu fazer a prova de seleção para o doutorado na UFPA, em 2023, descobri que estava grávida. Naquele momento, eu pensei “não vou conseguir fazer o doutorado, um filho dá muito trabalho”. Acabamos vindo morar em Belém, eu, meu companheiro e meu filho, viemos morar com minha irmã, que já estava morando em Belém há algum tempo. Não recebemos muito apoio da minha irmã para cuidar do bebê. Também a família do meu companheiro é ausente, e nem faz questão de conhecer e conviver com a criança.

No início, eu achava que não conseguiria conciliar maternidade com o estudo. Meu companheiro, pra me apoiar, me disse: “amor, tu decide, o que tu escolher nós vamos”. E uma

professora também me aconselhou a fazer o doutorado durante a gravidez, e enquanto o bebê estivesse pequeno. Ao questionar a professora por que ela achava que eu daria conta, a professora disse que se eu tivesse uma rede de apoio, eu ia conseguir. Desde então, minha rede de apoio é basicamente o meu companheiro, o pai do bebê.

Apesar de ser complicado conciliar maternidade e estudo, porque é sofrido, me sinto feliz por ter um companheiro que cuida de verdade do bebê, e que não faz coisas violentas, como me jogar para baixo, me proibir de estudar. Estamos juntos, fazendo vários ‘corres’ para eu poder estudar. A falta de creche e de brinquedoteca na universidade faz com que meu companheiro precise cuidar de forma praticamente integral do nosso filho, e como ainda estou amamentando, gastamos bastante com comida e transporte, para meu companheiro e a criança poderem me acompanhar na universidade. É bem complicado ser mãe e não ter espaços de apoio dentro da universidade, que possam minimizar esse desgaste com deslocamentos.

## **2.5 Andorinha**

Tenho 36 anos, e quero contar minha história começando por uma mulher que ninguém sabe exatamente onde nasceu, que é a minha avó materna. Somente sei que ela nasceu no arquipélago do Marajó, mas não sei qual a cidade exata, ninguém da família sabe dizer. Minha avó era lavadeira de roupa, e depois de ter sido adotada por uma família, foi morar em São Sebastião de Boa Vista, onde teve quatro filhos, dois homens e duas mulheres. Uma dessas crianças morreu. Não tinha cartório onde viviam, não tinha hospital. A minha mãe era a filha mais nova. Na vila onde moravam, as pessoas em sua maioria trabalhavam como extrativistas, e não tinham como estudar. As condições eram precárias. Para estudar, tinham que migrar, geralmente para Belém, a capital do Estado. A tão presente migração compulsória do interior do Estado para a Capital, em busca de melhores condições de vida.

Minha mãe relata que tinha pouca habilidade para subir em açázeiros, ela “dava trabalho” porque não conseguia se virar nas tarefas na mata e sempre adoecia, então mandaram minha mãe para Belém, para morar em uma vila com outras pessoas que também tinham vindo do interior.

Minha mãe sempre tratou a educação como algo muito importante, porque entendia que era uma espécie de válvula de salvação, de caminho para saírem da situação de

exploração e precariedade em que viveram meus avós e bisavós. Dessa forma, minha mãe se formou no curso técnico de contabilista, trabalhou como atendente em lojas, e depois conseguiu passar no concurso de uma [hoje extinta] empresa pública de telefonia. Minha mãe teve muita dificuldade para engravidar, e por isso adotou uma criança, minha irmã mais velha. No entanto, nove anos depois de adotar minha irmã, ela engravidou de mim.

Uma coisa que minha mãe sempre fez, nessa linha da educação, foi me incentivar a encontrar um emprego que pudesse me proporcionar bem-estar. Ela sempre buscou autonomia e independência financeira, e dizia: “seu marido é seu emprego”. Isso entrou de tal forma na minha cabeça, que ajudou a moldar minha personalidade, e influenciou diretamente minhas decisões ao longo da vida.

Fui uma boa aluna quando era criança, chegava a ponto de ser muito disciplinada, até quando saía de férias pedia para alguém passar atividades escolares, para que eu continuasse estudando. Fui aprovada em algumas universidades, e escolhi o curso em que, segundo o guia do estudante, preparavam as vacinas e levavam para vacinar as comunidades ribeirinhas. Fui também uma boa aluna na graduação, apesar de ter ficado bem menos disciplinada depois de entrar na universidade e conhecer outras realidades, outras perspectivas de mundo.

Trabalhei em uma multinacional por três anos. Lá eu tive uma profunda crise de pânico, não consegui entrar na empresa, queria ir embora a qualquer custo. Foi quando decidi mudar de carreira profissional. Eu só queria sair, estava me sentindo psicologicamente muito sobrecarregada. Fui trabalhar no interior do Pará, onde uma de minhas funções era acessar áreas de garimpo. Em 2015, parei de alisar o cabelo. Passei a usar tranças, até finalmente assumir meu cabelo crespo natural. Foi parte de minha descoberta enquanto mulher negra, assim como relatou a Onça Pintada, a partir do novo contato com meu cabelo natural.

E a maternidade? Foi um plano inexistente até bem recentemente. Eu achava que não daria conta, que teria de escolher entre dedicar-me aos estudos e à profissão, ou cuidar de um filho. O medo me afastou por bastante tempo de minha intenção de ser mãe. Hoje vejo que não precisava ter sido assim, que seria possível conciliar, e as parcerias com outras mulheres, inclusive com essas que contam suas vivências aqui, junto comigo, me fizeram ver que a maternidade não precisa ser algo que nos impeça de viver outros projetos. Eu tinha medo de entrar em um “projeto sem volta”, como é a maternidade. Mas, qual escolha “tem volta”? Os impactos e as sensações que ficam conosco, das nossas experiências, seguem de algum modo



conosco, queiramos ou não. Eu fiquei muito impactada pelas vivências que tive com as mulheres geradoras desse grupo, e agradeço profundamente a elas por isso.

### **3. Capítulo de encerramento: começo, meio e começo**

O pensador quilombola Nêgo Bispo dizia a memorável frase “nós somos o começo, o meio e o começo”, referindo-se à ideia de circularidade em oposição à linearidade, especialmente para os povos com trajetória ancestral. A frase sugere que a vida é um ciclo contínuo de repetição e reinvenção, e não um processo linear com fim determinado.

Compartilhamos escrevivências sobre os nossos desafios para conciliar maternidade e pós-graduação, e nossas vivências seguirão, entre alegrias e desafios. As histórias apresentadas neste artigo corroboram muitas outras vivenciadas por mães universitárias brasileiras, não somente da Amazônia, como também de outras regiões do país, conforme encontramos na literatura científica e também nos relatos orais aos quais temos acesso em nosso cotidiano.

Assim como as referências bibliográficas consultadas, todas as histórias relatadas aqui trazem sentimentos de angústia e insegurança vivenciados pelas mães na pós-graduação, que ficam em dúvida se conseguirão conciliar os cuidados consigo, com seus filhos, e as demandas de produção científica. Será que esse sentimento também é compartilhado com os pais que vivenciam a graduação e a pós-graduação? Temos a suspeita que não, e fica a sugestão de pesquisas que analisem o ambiente acadêmico sob as perspectivas dos homens que são pais. Também sugerimos avaliar a aplicação da Lei nº 14.925 de 2024, que garante licença maternidade às estudantes mães, pois entendemos que se trata de uma lei pouquíssimo conhecida, pouco aplicada e pouco incentivada pelos docentes na universidade.

Tivemos a ideia de escrever de forma mais aprofundada sobre nossas mães, porém não realizamos a ideia até o presente momento, mas fica o convite a outras autoras e autores que queiram empreender esse ato de auto investigação, com suas mães e avós, que podem ter tido suas histórias silenciadas e quem sabe também queiram escrever. E como a vivência com elas, mães e avós, se reflete na nossa atual vivência no ambiente acadêmico. Também é uma ideia que nossas vivências enquanto mães sejam melhor descritas em trabalhos posteriores, esmiuçando os detalhes que enfrentamos cotidianamente.

Muita coisa precisa melhorar. Nossa comunicação e nosso entendimento mútuo precisa melhorar. O ambiente universitário precisa estar melhor preparado para que mães possam desenvolver seus estudos sem que isso represente a necessidade de afastamento de seus filhos. Não adianta lutarmos para conseguir ingressar na Universidade, se a luta para conseguir permanecer e concluir o curso for ainda maior, trazendo ameaças à nossa saúde mental.

É urgente que existam creches e brinquedotecas universitárias, moradias estudantis com condições de acolher crianças, auxílios governamentais direcionados às mães universitárias que não possuem redes de apoio, para assegurar a continuidade dos estudos a essas mães. Na pandemia de Covid-19, por exemplo, a ausência total de rede de apoio trouxe à tona os desafios a que são submetidas as pesquisadoras que se tornam mães, o que, por sua vez, indica a urgência da implementação de políticas públicas que apoiem essas pesquisadoras (Dellazzana-Zanon et. al., 2022).

### **Considerações Finais: Queremos continuar sonhando!**

Sonhando que seremos pesquisadoras de forma plena, que nossos filhos serão pessoas saudáveis e felizes, e viverão sem muitas dores, terão mais alegrias do que nós tivemos. Estaremos junto a eles, também, mas não somente, com nossos títulos de pós-graduação. Queremos nos sentir bonitas, amadas, desejadas, aceitas, ouvidas. Queremos pesquisar e publicar textos científicos sem adoecer. Que nossas vozes sejam lidas e ouvidas, quem sabe elas inspirem outras mulheres, assim como outras mulheres também nos inspiraram, e nos trouxeram até aqui.

Vamos seguir respirando, existindo e trabalhando por melhorias para nós e para os nossos. Conceição Evaristo traduziu perfeitamente, escrever é sim uma maneira de sangrar, e deve haver uma forma melhor de viver.

Há coisas em comum e de incomum entre as mulheres que compartilharam suas histórias neste artigo. Observe com atenção os emaranhados, os labirintos das histórias, e perceba como se entrelaçam, se configuram, se alteram, se alimentam. Em alguns momentos, nos afastamos, mas também nos reaproximamos, a maternidade de alguma forma nos uniu, e

segue sendo um elo entre nós. Seguiremos gerando ideias, projetos, e gerando vida. Geramos e demos luz a este projeto!

Queremos encerrar esse artigo com um poema de Conceição Evaristo, “Da calma e do silêncio” (2008). Também com um desenho que ilustra nosso encontro. Com fotos que mostram parte do que vivemos. E um brinde de vinho ao nosso cansaço, e ao nosso tesão pela vida e pelas coisas que realmente importam.

Que nossos sonhos sejam caminhos, que nossos pés saibam trilhar, como diz Conceição Evaristo, em poemas da recordação e outros movimentos:

Quando eu morder  
a palavra,  
por favor,  
não me apressem,  
quero mascar,  
rasgar entre os  
dentes,  
a pele, os ossos, o  
tutano  
do verbo,  
para assim versejar  
o âmago das coisas.

Quando meu olhar  
se perder no nada,  
por favor,  
não me despertem,  
quero reter,  
no adentro da íris,  
a menor sombra,  
do ínfimo  
movimento.

Quando meus pés  
abrandarem na

#### Da calma e do silêncio

marcha,  
por favor,  
não me forcem.  
Caminhar para quê?  
Deixem-me quedar,  
deixem-me quieta,  
na aparente inércia.  
Nem todo viandante  
anda estradas,  
há mundos  
submersos,  
que só o silêncio  
da poesia penetra  
(Evaristo, 2008).

**Figura 2** - Quadro de Ilustrações por Mayara Teodoro, em junho de 2025.





Fonte: Ilustrado por Mayara Teodoro, 2025.

**Figura 3** - Fotos do grupo e ilustrações das mulheres amazônidas geradoras deste artigo.







Fonte: Autoras, 2025.

**Figura 4** - Fotos de vivências das mulheres amazônidas geradoras deste artigo e suas companheiras.



Fonte: Autoras, 2025.

## Agradecimentos

Às nossas mulheres. Às que nos geraram, constituíram, nos criaram, e que nos recriam, nos fortalecem. Às nossas mães, avós, irmãs. A todas as amigas e colegas de turma da disciplina de Escrivivências e Letramento Acadêmico Contracolonial, especialmente a: Luiza Lepo e Polyana de Almeida Frota, por terem atuado como idealizadoras, colaboradoras, parceiras e revisoras deste projeto. Mayara e Poly foram as primeiras mães disso tudo. À Glenda Leão, Luciane Lopes e Amanda Dantas, pela amizade, pelos abraços, e por participarem do piquenique na praça e da elaboração dos desenhos que ilustram este artigo.

## REFERÊNCIAS

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016, 244p.

DELLAZZANA-ZANON, Letícia Lovato; DELLAZZANA, Ângela Lovato; SOUSA, Marcela Pereira de; SOUZA, Lidiane dos Santos. (Des)Igualdade de gênero na carreira acadêmica: o impacto da maternidade. **Revista Brasileira de Pós-graduação (RBPG)**, Brasília, v. 18, n. especial, p. 1-16, jul./dez., 2022.

DEUS, Zélia Amador de. **Caminhos trilhados na luta antirracista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada**. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1960.

SILVA, Joseanne Maria Xavier de Albuquerque; SILVA, Franciely Alves da. Desafios da maternidade na pós-graduação stricto sensu: relato de experiência. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação - REASE**. São Paulo, v.1, n.1, jun. 2023.

MARTINS, Eloá Cristina Arruda; SANTANA, Juliana Silva. Mães Universitárias: Experiências de graduandas de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Ceará (2015 - 2021). in: **Maternidade & universidade: acesso e permanência de estudantes mães no ensino superior**. Organizadores: Antônia Eudivânia de Oliveira Silva, Cícera Nunes, Kássia Mota e Livia Maria Nascimento Silva. Cajazeiras/PB: AINPGP, 2023, 127 p.

Ministério da Educação. **Desafios e conquistas das mulheres na pós-graduação**. Publicado em 11 de outubro de 2024. Disponível em:

<<https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/desafios-e-conquistas-das-mulheres-na-pos-graduacao>> Acesso em 15 ago. 2025.

PINHEIRO, Shirley. **Conceição Evaristo — “Escrever é uma maneira de sangrar”**. Site Nordestinos a Ler. Publicado em 29 de novembro de 2022. Disponível em:

<<https://nordestinadosaler.com.br/2022/11/conceicao-evaristo-escrever-e-uma-maneira-de-sangrar/>> Acesso em 13 ago. 2025.

PONTES, Vívian Volkmer; QUEIROZ, Fillipe Silva de; NASCIMENTO, Jucimara Sousa do; FONSECA, Fernanda Daltro Tourinho da. Transição para a maternidade na trajetória acadêmica: estratégias de reparação dinâmica do self e de resistência no campo social de jovens universitárias. Dossiê Psicologia Cultural da Educação, **Revista Estudos de Psicologia**, v. 39, 2022.

PROTETTI, F. H.; SOUZA, A. N. de. Na universidade brasileira, maternidade rima com produtividade científica?. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, [S. l.], v. 18, n. especial, p. 1–16, 2023. DOI: 10.21713/rbpg.v18iespecial.1892. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/1892>. Acesso em: 16 ago. 2025.

ROCHA; Mírian Narjara Pires; CRUZ; Danielle Maia. Maternidade, Ciência e Trajetórias de Dispositivos Legais: Mulheres Mães na Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará. **III Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência**, 3ª edição, 2021.

RODRIGUES, Jaqueline Sobreira; MORAIS, Normanda Araujo de. Interação família-trabalho: um estudo sobre maternidade na pós-graduação. **Revista SPAGESP**, vol.22, n.2, Ribeirão Preto, jul./dez. 2021.

UFJF Notícias. **Nova lei amplia licença-parental de estudantes para 180 dias**. Publicado em 14 de agosto de 2024. Disponível em:

<<https://www2.ufjf.br/noticias/2024/08/14/nova-lei-amplia-licenca-parental-de-estudantes-para-180-dias/>> Acesso em: 16 ago. 2025.